

Dia do Médico, que vamos comemorar?

Guido Arturo Palomba

Que vamos comemorar este ano, em 18 de outubro, se ainda não conseguimos fechar a maioria dessas novas “faculdades de medicina”, em minúscula e entre aspas, se somos fagocitados pelo *marketing* das indústrias farmacêuticas, se muitos serviços públicos de saúde são medíocres, os proventos baixíssimos, os planos de saúde que não implantam a tabela de honorários médicos, se somos obrigados a clinicar em ambientes de trabalho de péssima qualidade?

Que vamos comemorar, prezado colega, que faz da Medicina a sua vida, que troca a própria família pelo trabalho, que vibra de alegria quando acerta em cheio o diagnóstico e o tratamento de um caso difícil?

Que vamos comemorar? Francamente, por esse lado, não sei.

Por outro lado, podemos, sim, nos orgulhar e abrir alguma bebida fora da rotina e fazer tim-tim à garra com que se dedica a maioria dos dirigentes das nossas entidades médicas no combate, sem quartéis, a esse *statu quo*. Os adversários dos médicos são ricos, poderosos e nem sempre sérios, para falar o menos.

Felizmente, graças à competência daqueles que estão à frente das entidades médicas e que, mesmo nessas lutas desiguais, têm logrado êxito, é possível vencer batalhas as quais, no final, sempre se reverterem no bem da coletividade.

Assim, vale a pena brindar a união dessas entidades, que se pautam nos valores morais e no respeito ao próximo.

E, no plano individual, íntimo, ainda nos resta comemorar a felicidade que somente nós que trabalhamos com a



Hygeia, Gustav Klimt, 1898.

Disponível em: <<http://www.haroldcrida.com/category/artists/>>

saúde alheia podemos sentir, que é a mais linda gratificação pelo exercício da Medicina, que depende muito de nós (e de Deus), que não tem preço, nem nada igual, quando ganhamos uma lembrancinha, sem valor material, como depositário da gratidão e do reconhecimento pelo serviço prestado, ou o simples aperto de mão sincero, acompa-

nhado das palavras: “muito obrigado doutor, o senhor me salvou”.

Tim-tim, colega.

Guido Arturo Palomba
Médico

Centenário de Paschoal Vinocur, um médico simples (1910-2010)

Léa Vinocur Freitag

Esta é a história de um médico simples, que não pertenceu a academias nem galgou cátedras. Permaneceu clinicando até os 80 anos, orgulhoso de não faltar jamais a um dia de trabalho. Faleceu em 1º de novembro de 1993, aos 83 anos, deixando a esposa, Sônia, e os filhos, Léa e Gilberto, ambos já casados.

Sua história de vida permite um olhar sobre alguns períodos da Medicina brasileira. Formado em 1935 pela Universidade do Rio de Janeiro, na Praia Vermelha, foi colega de turma de Silveira Sampaio, Arão Burlamaqui Benchimol, José Brickmann, além de Dom Lourenço de Almeida Prado, paulista que optou pela vida religiosa e se tornou reitor do Colégio de São Bento, no Rio. Paschoal Vinocur teve a oportunidade de contato com grandes mestres, como Carlos Chagas, Miguel Couto e Vasco Leitão da Cunha, vindo a ser um dos assistentes do Serviço de Clínica Médica, chefiado pelo professor Rocha Vaz.

Período de forte agitação política, o fim da década de 1930 foi extremamente conturbado, inclusive no plano internacional, com a Segunda Guerra. Paschoal deixou o serviço universitário quando alguns colegas passaram a frequentá-lo com a camisa verde do integralismo. Ao sentir o clima totalitário que se instalava, retirou-se desse ambiente — seu temperamento era reservado, mas o senso de dignidade falou mais alto.

Desde muito jovem revelou-se um bom aluno no tradicional Ginásio da Bahia, adquirindo a base para ingressar na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Nessa grande

capital, Paschoal passou a acompanhar as temporadas líricas, cultuando artistas como Gigli, Caruso e Schippa. Muito cedo começou a estudar canto, empenhado na empostação ideal para a sua voz de tenor, colecionando partituras de óperas e canções italianas. Cultivou esse interesse durante toda a vida, o que levou o colega e amigo de São Paulo, Oscar Resende de Lima, ilustre psiquiatra, a recordar: “A paixão dele pelo bel canto (ele costumava usar essa palavra) era um dos temas das nossas conversas”.

A curiosidade intelectual e artística levou Paschoal a novas observações na prática médica, como também ao contato com jovens colegas. Sempre procurou substituir medicamentos análogos, com a mesma composição, quando em benefício do doente, antevendo a possibilidade dos “genéricos”, tão difundidos atualmente.

Cultivou uma vida frugal, com alimentação saudável e exercícios de caminhada, muito antes de serem práticas consagradas. Caridoso e humanitário sem alarde, tentava de todas as formas minorar as aflições dos menos favorecidos, integrando-se à Medicina Social. Não se considerava um homem religioso — ao contrário, não se conformava com o fanatismo. Entretanto, era fascinado pelos mistérios da natureza e praticava o amor ao próximo.

Quando Paschoal ingressou na Medicina Previdenciária (Perícia Médica) por concurso, no início da década de 1940, havia uma geração de médicos de sólida formação científica



e cultural: Lamartine de Assis, Pedro Badra, Clovis Chenaud Bandeira de Mello, José Bahia Diniz, Pedro Fava, entre tantos outros. Exerceu a chefia durante muitos anos e teve o privilégio de conviver com médicos de várias especialidades e gerações, como a neuropsiquiatra Jessie Freire Gomes dos Reis, que ainda exerce a Medicina com muita dedicação. Dessa época é também o psiquiatra e psicanalista Oscar Resende de Lima, já citado, que enviou uma carta emocionada, referindo-se ao artigo que escrevi no *Jornal da Associação Paulista de Medicina*, por ocasião da morte do meu pai: “Trabalhei sob a chefia dele — as condições eram inadequadas, e o trabalho, difícil. Paschoal ajudou-me a vencer ou tolerar as dificuldades. Tinha senso das medidas e mantinha calma; as virtudes que fazem os chefes amados ele as tinha”.

Paschoal foi também um pioneiro no campo da Perícia Médica, convidado a ser sócio-fundador da Associação dos Médicos Peritos da Previdência Social do Estado de São Paulo, em setembro de 1993, na Associação Paulista de Medicina.

Além disso, uma oportunidade inesquecível de rever a turma de 1935 deu-se em uma linda festa no Mosteiro de São Bento, no Rio, em 1980. Muitos colegas de todo o Brasil puderam confraternizar, após 45 anos de formatura.

Aqui fica o registro de Paschoal Vinocur, um médico simples. Uma época de menos tecnologia, em que se ouvia e se examinava mais o paciente. Com o toque das mãos, o médico deveria apalpar os órgãos e elaborar um diagnóstico, a ser confirmado pelos exames de laboratório.

Léa Vinocur Freitag

*Professora Titular da Escola de Comunicações
e Artes da Universidade de São Paulo,
Doutora em Ciências Sociais e Jornalista*

A inesquecível história de um *bebê voador*

Hermann Grinfeld

— Doutor, lembra-se do bebê voador?

Foi com essa pergunta que um senhor, sorrindo com grande simpatia, adentrou minha sala. Atrás dele, entraram a esposa e um casal jovem, com um bebê de seis meses no colo do pai. Cinco pessoas: a família toda estava me encarando, com ar bastante divertido. Convidei-os a sentar e acho que fiz um semblante de quem não estava entendendo nada.

— Não dá mesmo para lembrar, não é mesmo? Faz tanto tempo... Pois bem, este rapaz é meu filho. Está aqui com minha nora e o meu neto. Viemos todos aqui para visitá-lo, disse o senhor.

— Que bom, respondi. Em que posso ajudar?

Sem algo melhor para falar, soltei essa frase e me arrependi de imediato. Eu estava muito curioso com a história do bebê voador.

Então, de súbito, um lampejo na memória... Puxa, há quanto tempo?!

— Pois bem, começou o avô, vou lhe contar o porquê dessa nossa visita: este pai que o senhor vê à sua frente, com meu neto no colo, é o bebê voador.

Não reconheci o rapaz, claro; nem de longe me pareceu o bebê que eu havia atendido há tanto tempo.

Continuou o pai:

— Há quase 30 anos, por indicação de um amigo, liguei para a casa do senhor, lá de Tupã (SP), onde moramos. Era mais ou menos 8h da noite e falamos por cerca de uma hora. Meu filho havia nascido no dia anterior, mas estava com um problema respiratório sério. Os recursos hospitalares em Tupã eram muito precários, e o médico que estava cuidando dele, muito acabrunhado, disse-me que o melhor mesmo era a gente rezar. Não me conformei e, desesperado, pedi ajuda aos amigos; um deles conhecia o senhor. Pelo meu relato, o senhor concluiu que o melhor seria providenciar um transporte aéreo para São Paulo. “Tremi nas bases”, mas em pouco tempo organizamos tudo. Em algumas horas, viemos a São Paulo buscar a incubadora de transporte, o neonatologista de plantão e a enfermeira, que iriam a Tupã com o equipamento. Neste ínterim, todas as orientações eram dadas pelo senhor, por telefone. Por volta das 2h da manhã chegamos ao hospital, o doutor e a enfermeira

estabilizaram o pequeno e o colocaram na incubadora de transporte — em meia hora deram o OK para retornar a São Paulo. O médico nos disse, com voz um tanto insegura, que aquele era o primeiro transporte aéreo de recém-nascido para a UTI neonatal do Hospital Albert Einstein. Quando sobrevoávamos Campinas, o piloto avisou que pousaria em Viracopos, pois Congonhas se encontrava fechado devido ao forte nevoeiro. O neonatologista, quase em pânico, pediu, então, ao piloto para ligar para São Paulo, a fim de enviar uma ambulância a Viracopos o quanto antes. Ao iniciar os procedimentos de descida, o piloto arremeteu e disse que Congonhas havia acabado de reabrir. Ao sobrevoar São Paulo, só víamos nuvens. De repente, uma brecha apareceu e lá estava a pista de Congonhas toda iluminada. Deus estava nos guiando. Pousamos em Congonhas às 5h da manhã. A ambulância já nos aguardava, e chegamos em pouco tempo à UTI neonatal. Meu filho foi recepcionado pelo senhor, que conheci naquele momento. Nunca vou esquecer, enquanto estiver vivo, das suas palavras e dos cuidados, durante aqueles 14 dias, que meu filho recebeu na UTI, tanto do senhor quanto da sua equipe. Conversamos e aprendi a admirá-lo. A sua confiança e competência fizeram com que tudo desse certo.

Ouvi o relato sem interrompê-lo. Minhas mãos estavam trêmulas e suadas. Aquela era, na realidade, uma visita de homenagem e de agradecimentos. Olhei para aquela família e, como eu, estavam todos emocionados. Ao final, nos despedimos, e o avô, pedindo licença, me tascou dois beijos nas faces. Abraçamo-nos como dois velhos amigos que se reencontram. Senti lágrimas vindo sem controle pelos nossos rostos. A sensação de ter sido protagonista de uma história de vida tão bonita era de aquecer o coração. Este é o relato do primeiro transporte aéreo feito para a UTI da maternidade do Hospital Israelita Albert Einstein, em junho de 1982.

Hermann Grinfeld

Neonatologista

Artigo publicado originalmente na revista DOC

Uma personalidade oceânica

Ao Professor Jorge Michalany

Lybio Martire Junior



Poucas figuras humanas
podem ser retratadas
tendo o mar por inspiração.
Pois não é próprio do ser humano
a eternidade, a imensidão,
a diversidade da riqueza do oceano.

Todavia, como em tudo, existe a exceção.

É preciso longevidade,
mas isso apenas não é o bastante.
Deve haver a produtividade
de uma vida fértil
para que a cultura adquirida,
em dimensão oceânica,

possa fluir com arte e permanência
não só da pena
mas também de voz possante,
qual a vaga impetuosa,
movida por memória ágil e prodigiosa,
indiferente ao tempo, em ritmo constante,
banhando, enriquecendo e se eternizando
nas praias dos semelhantes.

É preciso também a determinação,
a vontade inquebrantável
para seguir adiante
e se fazer sempre presente,
passando por cima das pedras
que, debalde, tentam se opor
ao avanço da maré.

No amor, deve haver a intensidade
para vivê-lo em plenitude ao longo da existência,
mas também a juvenil criatividade
para reinventá-lo no inverno solitário da quarta idade.

Uma personalidade autêntica
e peculiar é igualmente importante.
Capaz de mostrar-se, às vezes,
verdadeiro tsunami
e logo voltar à calmaria,
com a serenidade e alegria
que só se encontram
na compreensão plena da vida.

É preciso, em última análise,
a sabedoria, a força e a autenticidade
do admirável Professor Jorge Michalany.

Lybio Martire Junior

Cirurgião Plástico. Peroração lida por ocasião do aniversário (94 anos) do Professor Michalany

Parece mentira, mas não é!

Jayme de Oliveira Filho

Os relatos que transcrevo aqui são frequentemente acompanhados de comentários e indagações de colegas e amigos que não se conformam:

— Mas não é possível!

— Isto é brincadeira, não é, Jayme?

— Você está falando sério?

Mas vejamos este fato ocorrido com um paciente meu:

Seu Ernesto estava com forte dor na região parietal esquerda e já havia tomado uma sequência de anti-inflamatórios e analgésicos dos mais potentes sem que ocorresse uma melhora razoável.

No pronto-socorro de um hospital importante de São Paulo, ele foi submetido a uma tomografia computadorizada detalhada, dentre outros complicados e caros exames, sem que melhorasse o quadro.

Suspeitou-se até que ele fosse portador de herpes-zoster com comprometimento otoneurológico; todavia, o otorrino nada encontrou.

Desanimado, sonolento, com gastrite medicamentosa e já descrente de solucionar seu maior problema, foi trocar o seu óculos velho numa ótica. Lá chegando, o rapaz que o atendia lhe perguntou:

— Nossa, estas hastes do seu óculos estão muito apertadas! Isso não lhe causa dor de cabeça?

O Seu Ernesto deu um sorriso maroto de canto de boca e pensou: Eureka!

Após a troca do óculos, ele nunca mais teve a dor tão sofrida e fatídica, mas, como vingança, fala e se diverte no mínimo 10 vezes ao dia contando sua verídica história para os amigos e conhecidos, gozando da nossa classe que às vezes apressadinha não examina nem questiona adequadamente o paciente!

Isso me fez lembrar da piada do indivíduo riquíssimo que tinha uma cefaleia insuportável há mais de uma década.

Um grande amigo lhe recomendou um especialista na área que resolvia todos esses casos.

Diante do doutor, ele ouviu que somente conseguiria livrar-se daqueles sintomas terríveis se fosse submetido à retirada de seus testículos!

Homem rico e solteiro aos 40 anos, apavorou-se com o exposto, mas, após relutar por mais de um ano sem melhora, topou o tratamento cirúrgico.

Realmente, como que por milagre, no dia seguinte à cirurgia não tinha mais nenhuma dor!

Porém, dois meses depois, entrou em profunda depressão, sendo aconselhado a fazer uma viagem para espairecer.

Desanimado, foi a uma loja masculina comprar roupas para sua excursão. O atendente, muito solícito e competente, falava:

— Camisas, só de olhar eu já sei, nº 3, não é?

— É verdade, respondeu, desanimado, o nosso eunuco.

— Calça, 44. Ok?

— É, acertou de novo.

— Sapatos, 41, forma larga, não é mesmo?! — exclamou o vendedor astuto.

— É incrível, só de olhar você já sabe?

— Cuecas G, não é mesmo?

— Ah! — sorriu o viajante. Agora você errou feio. O meu tamanho é P!

— De jeito nenhum! — exclamou o bom vendedor. Se você usar P, ela vai te apertar os testículos e você vai ter uma dor de cabeça terrível!

E o nosso castrado caiu desmaiado!

Jayme de Oliveira Filho
Professor Titular de Dermatologia da
Universidade de Medicina de Santo Amaro

Caderno de anotações

José Carlos Barbuio

LINGUAGEM

Um homem rico estava muito mal, agonizando. Pediu papel e caneta. Escreveu as seguintes palavras: “*Deixo meus bens a minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres*”. Morreu antes de fazer a pontuação. A quem deixava a fortuna? Eram quatro concorrentes:

1. O sobrinho fez a seguinte pontuação: *Deixo meus bens a minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.*

2. A irmã chegou em seguida. Pontuou assim o escrito: *Deixo meus bens a minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.*

3. O padeiro pediu cópia do original. Puxou a brasa para a sardinha dele: *Deixo meus bens a minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.*

4. Então, chegaram os descamisados da cidade. Um deles, sabido, fez esta interpretação: *Deixo meus bens a minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada! Dou aos pobres.*

Moral da história: “A vida pode ser interpretada e vivida de diversas maneiras. Nós é que fazemos sua pontuação. E isso faz toda a diferença...”.

PERSEGUIÇÃO

Vocês já experimentaram a sensação de que, em certos dias, estão sendo perseguidos? Por exemplo: você está em um restaurante por quilo, aparece alguém na sua frente e fica intermináveis minutos para escolher entre duas ervilhas e uma beterraba. No supermercado, você vê o caixa vazio, mas lembra de pegar uma lata de palmito. Quando volta, lá está uma mulher com um carrinho abarrotado. Mais uma: você vai ao clube e começa a procurar a carteira de associado; então, entra na sua frente uma mulher que não acha, na bolsa, a sua. Depois de pegar uma fila razoável no banco, você consegue se sentar à frente da mesa do gerente

para, enfim, resolver um problema que o incomoda há dias. Quando começa a falar, toca o telefone dele. E ele fica a desfiar um rosário de argumentos para a pessoa do outro lado da linha.

AS SETE MARAVILHAS

A professora pediu a um grupo de estudantes que escrevessem uma lista do que eles pensavam ser “as Sete Maravilhas do Mundo” dos nossos dias. Houve algumas diferenças, mas, em geral, eles responderam: 1. as Grandes Pirâmides do Egito, 2. o Taj Mahal, 3. o Grande Canyon, 4. o Canal do Panamá, 5. o Empire State Building, 6. a Basílica Saint-Pierre e 7. a Grande Muralha da China. Enquanto se contavam os votos, a professora notou que um estudante ainda não tinha entregado sua folha. Então, ela perguntou ao jovem se estava com dificuldade em fazer a sua lista. Ele respondeu, “Sim, um pouco. É difícil escolher, porque existem tantas!”. “Diga o que você já escreveu, talvez eu possa ajudar”, completou a professora. O jovem hesitou, mas, depois, disse: “Eu penso que ‘as Sete Maravilhas do Mundo’ são: 1. Ver, 2. Ouvir, 3. Tocar, 4. Provar, 5. Sentir, 6. Rir e 7. Amar”. Toda a turma ficou em silêncio absoluto.

José Carlos Barbuio
Escritor e Advogado

Analogias em Medicina (n. 27)

Pergaminho — É pele de caprino, ovino ou outro animal, preparada com alume ou macerada em cal, raspada e polida, própria para nela se escrever e também utilizada em encadernação. A técnica foi aperfeiçoada no antigo reino de Pérgamo, na Ásia Menor, nome que originou sua denominação.

A deficiência na ingestão de energia, isto é, de nutrientes, leva ao marasmo na criança e à caquexia no adulto. O marasmo instala-se nos primeiros anos de vida, é de aparecimento gradual e tem evolução lenta. Na criança marasmática, há retardo do crescimento e do desenvolvimento físico, emagrecimento, apatia, ausência de gordura subcutânea e hipotrofia muscular acentuada. A face da criança tem aspecto de pessoa idosa. Devido ao emagrecimento, a cabeça parece desproporcional em relação ao corpo e, além disso, a pele descama-se com facilidade, é seca, áspera, inelástica e delgada, adquirindo *aspecto de pergaminho* (baseado em Vieira, E. C. BRASILEIRO FILHO, G. *Bogliolo*: patologia geral; e FITZPATRICK, T. B. et al. *Dermatology in general medicine*).

Coração em pergaminho (ingl. *parchment heart*) — Nesta inexplicável anomalia, primeiro descrita por William Osler, médico canadense-norte-americano (1849-1919), o tecido muscular do ventrículo direito é virtualmente ausente, de modo que a parede fibrosa da câmara cardíaca é delgada e assemelha-se a um pergaminho (Uhl, HSM). Trata-se de hipoplasia ventricular direita, congênita ou adquirida, em que existe um adelgaçamento do miocárdio ventricular direito. É também denominada anomalia de Uhl por alguns autores. Com esse quadro patológico, ocorre redução significativa do débito hemicoração direito. O átrio direito mostra-se muito hipertrofiado, a fim de socorrer o preguiçoso ventrículo direito apergaminhado.

As síndromes de Ehlers-Danlos formam um grupo de distúrbios autossômicos dominantes do tecido conjuntivo que se associam à marcante hiperelasticidade e fragilidade da pele e hiper mobilidade das articulações. Em todas as variedades de Ehlers-Danlos, há um defeito generalizado no

colágeno, incluindo anomalias em sua estrutura molecular, bem como na sua síntese, secreção e degradação. Nesses casos, a pele do portador com ferimentos apresenta um tipo de cicatriz defeituosa e delgada que lembra também pergaminho. Registre-se, ainda, a *crepitação de pergaminho* (ingl. *parchment crackling*): sensação similar à crepitação de uma folha de pergaminho, observada à palpação do crânio nos casos de craniotabe.

Mostrador de relógio — Os plasmócitos, descendentes de linfócitos B, são células das mais importantes do organismo, pois sintetizam e secretam anticorpos, isto é, proteínas específicas denominadas imunoglobulinas. São fáceis de identificar em cortes corados por hematoxilina-eosina e por corantes hematológicos. São ovoides, com cerca de 15 microns de diâmetro, possuindo citoplasma abundante e basofílico devido ao seu rico retículo endoplasmático rugoso. Uma área clara no citoplasma, próxima ao núcleo, corresponde ao aparelho de Golgi. O núcleo do plasmócito é esférico ou ovoide, excêntrico, bem como pode apresentar pequenos grumos de cromatina condensada na sua periferia, alternando com áreas claras de igual tamanho, semelhantes aos números de um relógio. Por isso, é frequentemente descrito com o aspecto de mostrador de relógio (ingl. *clock-face aspect*) ou, ainda, lembrando uma roda de carroça (ingl. *cartwheel or spoke-wheel nuclear pattern*). Os plasmócitos senis podem conter glóbulos eosinofílicos homogêneos de tamanhos variados no seu citoplasma, os quais representam acúmulos de imunoglobulinas. Recebem o nome de corpúsculos de Russel e são considerados células que sofrem de “prisão de ventre”.

José de Souza Andrade Filho

Professor de Anatomia Patológica da
Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais

DEPARTAMENTO CULTURAL

Diretor: Ivan de Melo Araújo – **Diretor Adjunto:** Guido Arturo Palomba

Conselho Cultural: Duílio Crispim Farina [presidente (*in memoriam*)], Luiz Celso Mattosinho França, Affonso Renato Meira, José Roberto de Souza Baratella, Rui Telles Pereira e Arary da Cruz Tiriba

Cinematoteca: Wimer Botura Júnior – **Pinacoteca:** Guido Arturo Palomba

Museu de História da Medicina: Jorge Michalany

O Suplemento Cultural somente publica matérias assinadas, as quais não são de responsabilidade da Associação Paulista de Medicina.